

A APORIA NO DIÁLOGO CRÁTILLO DE PLATÃO

Ivanaldo Santos*

RESUMO: Não é a intenção deste pequeno artigo discordar da tradição filosófica, a qual afirma que o Crátilo é um diálogo aporético. O objetivo desse artigo é levantar a possibilidade de que a verdadeira aporia do Crátilo não é o antagonismo excludente da tese convencionalista de Hermógenes e a tese naturalista de Crátilo, mas a questão da relação entre a linguagem e o conhecimento. Ou como o próprio Platão questiona: se é possível conhecer as coisas sem o auxílio da linguagem? Para essa questão ele não possui no Crátilo uma resposta. Dessa forma, está configurada a aporia. Para tentar encontrar uma resposta para a mesma é preciso recorrer a outros diálogos platônicos como Fedon, Timeu e o Sofista.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, Crátilo e aporia.

THE APORIA OF PLATO'S CRATYLUS DIALOGUE

ABSTRACT: This short article does not intend to disagree with the philosophical tradition, which states that the Cratylus is an 'aporetic' dialogue. The aim of this paper is to raise the possibility that the Cratylus's true aporia is not the excluding antagonism of conventional view by Hermógenes and naturalistic theory by Cratylus, but the question of the relationship between language and knowledge. Like Plato asks: can you know things without the aid of language? For this question that matter he does not have an answer in Cratylus. Thus, the aporia is configured. To find an answer to it we must use other Platonic dialogues, such as Fedon, Tiimaeus and Sophist.

KEYWORDS: Plato, Cratylus and Aporia.

* Doutor em estudos da Linguagem, professor do departamento de filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERN. E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

Dentro da tradição filosófica ocidental o *Crátilo* é apresentado como sendo um diálogo aporético de Platão. Apesar desse diálogo oficialmente não fazer parte da fase da juventude de Platão, onde ele compôs diálogos aporéticos, o *Crátilo* é tradicionalmente identificado com o rótulo da aporia.

Na fase aporética Platão compôs diálogos que ao termino não há uma conclusão. Diálogos esses cujo esquema é fundamentalmente o mesmo: propõe-se uma definição de uma virtude, que vai sendo substituída por outras, à medida que Sócrates demonstra a sua insuficiência, de modo que quando termina, a conclusão é negativa. Dessa forma, o diálogo *Lísis* falha em definir a amizade, o *Cármides* a temperança, o *Laques* a coragem e o *Eutífron* a piedade.

Para Medeiros (1994) há vários fatores para esses diálogos serem aporéticos como, por exemplo, a questão de Platão ser um jovem filósofo que ainda não tinha seu pensamento amadurecido e as discussões na Academia estarem, em grande medida, apenas iniciando suas atividades. Entretanto, Medeiros ressalta que um fator constitutivo da aporia nos diálogos da juventude é a questão da "linguagem é uma *mimesis*, com tudo o que carrega de distorção"

(1994, p. 30, itálico no original). Já na juventude Platão se deparou com o problema da linguagem. Todavia, neste período da sua vida a linguagem aparece de forma indireta, presente nas discussões realizadas na fase aporética (*Lísis*, *Cármides*, *Laques* e o *Eutífron*). Só no *Crátilo* é que ela emerge como um problema que Platão se propõe a discutir e a dá algum tipo de encaminhamento filosófico de forma consciente.

De certa forma, o *Crátilo* segue a mesma estrutura dos diálogos da fase da juventude. A leitura tradicional desse diálogo aponta para a existência de duas grandes teses conflitantes e mutuamente excludentes que são apresentadas, respectivamente, por Hermógenes e Crátilo. A primeira é apresentada por Hermógenes – provavelmente um discípulo de Sócrates, membro do círculo socrático menor. Ele defende que o ato de nomear, de dar nomes aos objetos, é convencional. Para ele os nomes podem ser dados arbitrariamente de acordo com os interesses e valores sócio-culturais envolvidos. A segunda é apresentada por Crátilo – um discípulo exaltado de Heráclito e que na juventude de Platão foi seu mestre. Ele defende a tese de que os nomes ou são verdadeiros, ou não são nomes de qualquer espécie. Para ele, ou uma palavra é a expressão perfeita de uma coisa, ou é apenas um som articulado.

Sócrates dialoga com ambas as teses e termina demonstrando a inconsistência de ambas. O diálogo chega ao fim com Platão afirmando que “[...] é possível, [...], que tudo [que foi discutido durante o diálogo], realmente, seja assim; é possível também que não” (*Crátilo*, 440d), ou seja, oficialmente o debate não tem conclusão e o diálogo é aporético. Paviani sintetiza a questão da aporia no *Crátilo* da seguinte forma: “No *Crátilo*, diante das duas teses [Hermógenes e Crátilo], Sócrates refuta cada uma delas, pondo-se na posição da outra, até chegar ao impasse, a aporia” (1993, p. 14).

Há uma longa e exaustiva lista de comentadores do *Crátilo* e de interpretes do *corpus* platônico que ratificam que este diálogo é aporético. Entre esses cita-se: Paviani (1993),

Hillesheim (2001), Dietzsche (2007), Santos (2002), Robins (1979) e Rabuske (1994).

Poucos comentadores desse diálogo discordam que o mesmo seja aporético. Entre estes se encontra Piqué (1996). Para ele na visão platônica da palavra, na sua função de representação do inteligível, mesmo que um tanto degradada, as duas teses contrárias convergem e são superadas, tendo ambas algo de verdadeiro. Dessa forma, Platão apontaria no *Crátilo* para um meio termo entre as duas teses externas, representadas por Hermógenes e Crátilo. Meio termo que conteria o convencionalismo de Hermógenes e o naturalismo de Crátilo. Em suas palavras:

Discordamos, portanto que este diálogo em particular tenha um caráter aporético como os primeiros [diálogos produzidos na juventude], de simples negação de teses opostas, demonstrando simplesmente a sua imperfeição. Há algo positivo sendo enunciado: os nomes são simultaneamente por natureza e por convenção. Sendo os nomes, nessa fase do pensamento lingüístico de Platão, a essência do dizer, da linguagem, esse é o pressuposto necessário implicado pelo dogma platônico de que o conhecimento humano é possível e de que a linguagem tem propriedades que permitem ao mesmo tempo a enunciação do verdadeiro e do falso. (PIQUÉ, 1996, p. 180).

Não é intenção desse pequeno artigo discordar da tradição filosófica, a qual afirma que o *Crátilo* é um diálogo aporético. O peso da mesma conferi uma áurea de verdade a questão da aporia contida neste diálogo que é quase impossível levantar qualquer hipótese que seja contrária a essa interpretação.

É necessário observar que diante da tradição é preciso sempre haver uma postura simultânea de respeito e de muita cautela. É inspirado nessa postura que o objetivo desse artigo é levantar a possibilidade de que a verdadeira aporia do *Crátilo* não é o antagonismo excludente da tese convencionalista de Hermógenes e a tese naturalista de Crátilo, mas a questão da relação entre a linguagem e o conhecimento.

Inicialmente, para tentar defender esse objetivo – se é que é possível defendê-lo – serão apresentados três argumentos.

O primeiro é que o *Crátilo* é um diálogo posterior a fase da juventude. Sem entrar na discussão sobre a data original da composição desse diálogo é possível vislumbrá-lo em um momento anterior ao *Sofista*, portanto em um período bastante posterior a fase aporética da juventude. Este dado técnico é importante para a investigação do diálogo, justamente porque uma questão central da fase da juventude é a discussão em torno de uma virtude (amizade, temperança, coragem e piedade) e, por conseguinte, a insuficiência da argumentação visando construir uma conclusão para a discussão. Como ressalta Pereira “no *Crátilo* Platão realiza uma reflexão inovadora dentro da sua obra” (2008, p. 6), ou seja, apresenta a discussão sobre a linguagem e, ao mesmo tempo, aponta a condição metafísica fundamental que a linguagem tem no debate filosófico. Uma reflexão que não se enquadra dentro das características da fase da juventude.

O segundo é com relação ao papel exercido por Sócrates. Na fase aporética os debates travados estão mais próximos do Sócrates histórico e das respectivas discussões travadas por esse pensador no século V a.C. Daí a discussão versar sobre questões éticas, espirituais e metafísicas.

Já no *Crátilo* aparece outro Sócrates. Como salienta Dias no *Crátilo* “[...] o assunto é novo para ele [Sócrates]; nunca pensou em etimologias ou na Filosofia da Linguagem, nem na Teoria das Formas. Aqui já é Platão quem fala pela sua boca” (1994, p. LXIX). De certa forma, o *Crátilo* é um momento onde Platão abandona parcialmente o Sócrates histórico e passa a trabalhar com o Sócrates personagem literário. Ele se utiliza do *Sócrates personagem literário* para debater e criticar as teorias lingüísticas presentes no século V a.C.. E ao mesmo tempo aproveita a figura do *Sócrates personagem literário* para expor suas próprias teorias e conclusões filosóficas. Com relação a esta questão há uma série de comentadores do *corpus* platônico que ratificam a proposição que afirma que no *Crátilo* é Platão quem fala por meio

de Sócrates. Neste sentido, Sócrates é o porta-voz de Platão neste diálogo. Por isso fala-se em um Sócrates platonizado ou de um Sócrates platônico presente no *Crátilo*. Entre estes pensadores e comentadores, cita-se: Dias (1994, p. LXIX), Dietzsch (2007, p. 48), Hillesbeim (2001, p. 253) e Pique (1996, p. 187).

O terceiro e último argumento são as indicações internas que Platão deixa no *Crátilo*. Entre essas indicações internas é importante para a discussão que está sendo travada salientar duas dessas indicações.

A primeira indicação interna é a questão da ironia cômica que ele realiza no início do diálogo. Nesta ironia ele afirma: “acautela-te, para que eu não faça alguma tramóia contigo” (*Crátilo*, 393d). Platão está alertando aos seus interlocutores e também aos seus leitores que os mesmos tenham cuidado, pois do contrário ele poderá enganá-los. Como, então, Platão poderia enganar seus interlocutores e leitores? Uma das possibilidades para responder essa pergunta é a questão da aporia. Ele poderia ter indicado uma aporia no final do diálogo apenas como mera forma estilística e literária e não como uma impossibilidade teórica de concluir a discussão. Ele poderia ter construído alguma conclusão, mesmo que parcial, ao longo do diálogo. E essa conclusão poderia ter ficado encoberta ao longo da tradição devido ao peso da aporia posta no final do diálogo. Neste caso, Platão teria conseguido enganar seus leitores.

A segunda indicação interna é a seguinte advertência: “não há nada pior do que enganar alguém a si próprio” (*Crátilo*, 428d). Uma leitura atenta do *Crátilo* indicará que Platão faz essa advertência a si mesmo e, ao mesmo tempo, aos seus interlocutores e leitores. Diante dessa advertência pergunta-se: procurar e visualizar uma aporia com relação ao debate em torno da linguagem, não é uma forma de se auto-enganar?

Talvez os pesquisadores do início do século XXI estejam muito distantes da real interpretação do *Crátilo*. Justamente a interpretação que Platão e seus alunos da Academia tiveram quando o diálogo foi composto. Visualizar uma aporia entre

a tese convencionalista de Hermógenes e a tese naturalista de Crátilo pode ser uma forma de se auto-enganar.

Após a apresentação desses três argumentos passa-se a apresentar o que pode ser a tese de Platão no *Crátilo*. Ele tenta ao longo do diálogo fugir aos extremismos de ambas as teses apresentadas (convencionalista e naturalista) e procura construir um meio termo entre ambas.

Dessa forma, a linguagem tem um componente convencional, pois ela está ligada ao mundo sensível e as mudanças sócio-culturais. Entretanto, se ela estiver apenas ligada a esse mundo e as mudanças sócio-culturais da forma como é defendido pelo convencionalismo, então como determinar que uma palavra realmente representa um objeto? Se tudo muda dentro do mundo sensível e o ser humano está preso num círculo de mudanças sócio-culturais, então como estabelecer que uma palavra representa um objeto? Essas perguntas cruciais que Platão realiza conduziu-o a ir em busca da dimensão naturalista da linguagem, ou seja, de uma dimensão onde é possível encontrar a estabilidade e o que é constante na linguagem. É por isso que ele indica a Teoria das Formas como sendo uma sustentação teórica confiável para a determinação da relação entre a palavra e o objeto. Com essa reflexão filosófica Platão então pode concluir que a linguagem possui uma “natureza híbrida” (*Crátilo*, 408c), ou seja, convencional e natural.

Se a conclusão que Platão apresenta no *Crátilo* é que a linguagem possui uma *natureza híbrida*, então a aporia que é encontrada no final desse diálogo é puramente uma forma estilística e literária de escrever?

É quase impossível dá uma resposta definitiva a essa pergunta. Entretanto, neste pequeno artigo afirma-se que no *Crátilo* a discussão em torno da linguagem é concluída com a premissa da “natureza híbrida” (*Crátilo*, 408c) da linguagem. Por causa disso é que é afirmado que a aporia que emerge no final do diálogo está ligada a relação entre a linguagem e o conhecimento.

A princípio está aporia pode ter dois sentidos. O primeiro é que se trata apenas de um efeito literário para dá uma maior dramaticidade ao diálogo. Uma sofisticada técnica de escrever-encenar o problema filosófico que está sendo debatido. O segundo é que além de conter os elementos do primeiro sentido – a técnica de escrever-encenar – ela pode estar indicando um problema maior a ser pesquisado, neste caso em outros diálogos platônicos, ou talvez o real problema do *Crátilo*.

Vale salientar que Platão utiliza a sofisticada técnica de escrever-encenar o problema filosófico que está sendo debatido em outros diálogos como *O Sofista* e no Livro I da *República*. No *Sofista* (248a-250e)¹ ele apresenta à pequena aporia. Nessa aporia ele demonstra, por meio dos Amigos das Idéias, que se o Ser é imóvel e o devir varia constantemente, o conhecimento é impossível. Ela possibilita a investigação dos grandes gêneros metafísicos, ou seja, Ser, Não-Ser, Movimento, Repouso, Outro e Mesmo. Por meio dessa investigação Platão então pode estabelecer uma relação do Não-Ser como sendo o Outro em relação a uma forma específica de ser. Dessa forma, ele conseguiu resolver a pequena aporia e dá uma garantia de veracidade ao conhecimento.

Já no Livro I da *República* Platão apresenta o debate em torno do conceito de Justiça. Ele conclui esse livro (*República*, 354b-354c) com uma aporia, afirmando que deixou de examinar a questão central do debate, que é o próprio conceito de Justiça, porque não havia achado a resposta adequada, se o conceito de Justiça é totalmente desconhecido, se é um vício, ignorância, virtude ou sabedoria. Em grande medida essa aporia funciona como uma técnica de escrever-encenar, pois ela torna-se a possibilidade de Platão aprofundar a questão do conceito de Justiça nos demais livros da *República*. E, com isso, apresentar as diversas questões políticas, metafísicas e de outra natureza que abarca a discussão sobre o conceito de Justiça e, dessa forma, fundamentar o Estado ideal.

Entre os dois sentidos que foram expostos aponta-se o segundo sentido como sendo o que

1. As citações de outros diálogos de Platão que não seja o *Crátilo* como o *Sofista* e a *República* são realizadas a partir das *Oeuvres complètes* (Obras completas) traduzidas por Auguste Diès.

provavelmente é o que constitui a aporia do *Crátilo*, ou seja, a aporia pode estar indicando um problema maior a ser pesquisado, neste caso em outros diálogos platônicos, ou talvez o real problema filosófico do *Crátilo*.

O motivo de se apontar o segundo sentido como sendo o sentido real do *Crátilo* é que ao final do diálogo (*Crátilo*, 435c) Platão conclui ser melhor buscar o conhecimento das coisas por meio das coisas mesmas e não por meio das palavras, o que acaba ponto em xeque o papel da linguagem e, por conseguinte, da própria filosofia. O problema que ele constata ao final do diálogo não está relacionado, de forma mais ampla, com a linguagem ou, de forma mais específica, com a discussão travada anteriormente sobre o convencionalismo e o naturalismo linguístico. É um problema ontoepistemológico. Sobre essa questão Oliveira (2001, p. 22) esclarece:

Ele [Platão] pretende, com essa discussão das diferentes teorias vigentes de seu tempo [convencionalismo e naturalismo], mostrar que na linguagem não se atinge a verdadeira realidade (alétheia ton onton) e que o real só é conhecido verdadeiramente em si (aneu ton onomaton) sem palavras, isto é, sem a mediação lingüística. A linguagem é reduzida a puro instrumento, e o conhecimento do real se faz independentemente dela.

O problema ontoepistemológico trás para dentro do debate que está sendo travado no *Crátilo* a seguinte questão: se é possível conhecer as coisas sem o auxílio das palavras, então porque pesquisar a linguagem?

Platão passa grande parte do *Crátilo* a discutir com as teses convencionalista e naturalista da linguagem. Por causa disso o leitor espera que ao final do diálogo ele realize alguma reflexão sobre essa discussão. No entanto, ele coloca um novo problema ou talvez o real problema de toda a discussão, ou seja, a pergunta: se é possível conhecer as coisas sem o auxílio das palavras? E com essa pergunta Platão apresenta a real aporia do diálogo, para a qual ele não possui uma

resposta. Sobre a questão do conhecimento no *Crátilo*, Paviani (1993, p. 18) afirma:

[...] não é possível opinar sobre o predomínio da problemática do diálogo [Crátilo]: se se trata de um problema de linguagem ou de conhecimento. De fato, a linguagem, embora aqui reduzida à questão do nome, liga-se ao problema do conhecimento.

A dúvida crucial e, por conseguinte, a aporia que Platão apresenta no final do *Crátilo* – Se a relação entre linguagem e conhecimento é necessária? Ou se é possível conhecer as coisas sem a linguagem? – conduziu-o a aprofundar suas pesquisas filosóficas. Em grande medida o resultado desse aprofundamento aparece em diálogos como: *Fedon*, *Timeu* e o *Sofista*. E por sua vez a ampla reflexão que compõe o quadro formado pelos diálogos *Crátilo*, *Fedon*, *Timeu* e *Sofista*, possibilitou Platão a escrever *A República*, sua obra principal, onde ele constrói a teoria do Estado ideal. Teoria que é alicerçada nas discussões realizadas nestes diálogos.

Por fim, afirma-se que a intenção desse pequeno artigo não é discordar da tradição, mas apenas tentar, de forma muito introdutória, demonstrar que a verdadeira aporia que existe no *Crátilo* não está relacionada à discussão entre o convencionalismo e o naturalismo linguístico, mas a relação entre a linguagem e o conhecimento. Ou como o próprio Platão questiona: se é possível conhecer as coisas sem o auxílio da linguagem? Para esse questionamento ele não possui no *Crátilo* uma resposta. Dessa forma, está configurada a aporia. Para tentar encontrar uma resposta para o questionamento é preciso recorrer a outros diálogos platônicos como *Fedon*, *Timeu* e o *Sofista*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

- DIAS, Palmeira. Introdução ao *Crátilo*. IN: PLATÃO. *Crátilo*. Tradução Palmeira Dias. Lisboa: Livraria Sá Costa, 1994.
- DIETZSCH, Mary Julia Martins. *Crátilo* e a origem dos nomes. IN: Revista Internacional d'Humanitats 12, CEMOROC-Feusp / Núcleo Humanidades-ESDC / Univ. Autônoma de Barcelona, p. 47-60, 2007.

HILLESHEIM, Valério. A filosofia da linguagem em Platão. IN: Sofia, ano VII, n 7, 2001/1, p. 245-258.

MEDEIROS, Paulo Tarso Cabral. Aquém do ser, além do falso (em torno do problema da linguagem em Platão). IN: Informação & Sociedade, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 22-33, jan/dez. 1994.

MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. Linguagem e conhecimento no *Crátilo* de Platão. IN: Kriterion, v. 48, n 116, Belo Horizonte, jun/dez 2007.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Platão: discussão entre naturalismo e convencionalismo. IN: Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea. São Paulo: Loyola, 2001.

PAVIANI, Jayme. Escrita e linguagem em Platão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. (Coleção Filosofia, 3).

PEREIRA, Américo. Da filosofia da linguagem no *Crátilo* de Platão. Lisboa: Lusofia, 2008.

PIQUÉ, Jorge Fero. Linguagem e realidade: uma análise do *Crátilo* de Platão. IN: Revista Letras, n 46, 1996. p. 171-182.

PLATÃO. *Cratyle*. Traduit L. Méridier. Paris: Lês Belles Lettres, 1989.

PLATÃO. *Oeuvres complètes*. Texte établit ET traduit par Auguste Diès. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

RABUSKE, Edvino. Filosofia da linguagem e religião. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

ROBINS, R. H. Pequena história da lingüística. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

SANTOS, Fausto dos. Platão e a linguagem – um estudo do *Crátilo*. IN: Filosofia aristotélica da linguagem. Chapecó: Argos, 2002.

Recebido em Junho de 2009.

Aprovado em Novembro de 2009.